



SOBRE O ‘MUNDO INTERIOR’: WITTGENSTEIN E FREUD

Gabriela de Oliveira

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista FAPESC

Arturo Fatturi

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
arturo.fatturi@uffs.edu.br

1. Introdução

O presente resumo expandido sistematiza o conteúdo que está sendo desenvolvido na dissertação de mestrado intitulada “Sobre o Mundo interior: Wittgenstein e Freud”, que tem como objetivo central a investigação sobre o conceito de ‘mundo interior’, fazendo uma relação entre a filosofia de Ludwig Wittgenstein e a psicanálise de Sigmund Freud.

Diante de várias visões filosóficas “o interior tem sido e continua a ser um objeto de digladição permanente” (Marques, 2012, p.13) . É ele um lugar? Se é um lugar, onde fica? Se é um lugar, como se chega até lá? Do que estamos falando quando falamos sobre o mundo interior? O que expressões como estar explodindo de raiva, derretida de amor ou mesmo dizer que tem dores na alma, têm a ver com a ideia de um mundo interior? Partindo das questões apresentadas, nossa investigação procura fazer uma análise do modo como expressamos nossos sentimentos e sensações, ou seja, expressões que fazem parte de um vocabulário psicológico.

Baseando-se nas ideias da filosofia em relação aos aspectos cotidianos e psicológicos, pretendemos explorar os problemas que surgem a partir do modo como comunicamos e pensamos o mundo interior. Também serão abordadas questões referentes a uma exploração dessa ideia de ‘mundo interior’ a partir dos conceitos psicológicos da psicanálise de Sigmund Freud, sem deixar de lado as questões filosóficas referentes ao problema enunciado

Para isso, a pesquisa terá como núcleo a obra *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein. O debate proposto pelo filósofo visa dissolver alguns problemas que surgem quando fazemos afirmações referentes aos nossos sentimentos e sensações, ou seja, afirmações que fazem parte do que podemos declarar como ‘mundo



interior’. Segundo Johnston (1193), as questões relacionadas ao chamado ‘mundo interior’ ocupam um lugar central na obra tardia de Wittgenstein, no entanto, já na década de 1930, o filósofo vinha se debruçando sobre essa problemática. Para compreender adequadamente tais questões, é preciso percorrer o caminho dos conceitos filosóficos que Wittgenstein investiga, discute e elabora ao longo de sua trajetória, como os jogos de linguagem, a questão sobre seguir regras, bem como a crítica feita em relação a uma forma de linguagem essencialista, na qual as palavras possuem significado fixo.

Nas seções 243 a 315 das *Investigações Filosóficas*, Ludwig Wittgenstein aborda o chamado “argumento da linguagem privada”. Esse argumento critica a ideia de que pode existir uma linguagem interior capaz de nomear sensações e sentimentos acessíveis apenas a um único indivíduo, isto é, uma linguagem cujos termos se referem a experiências estritamente privadas. Segundo essa concepção, cada pessoa teria sensações e sentimentos que não podem ser plenamente expressos em palavras, ou cujos enunciados seriam incompreensíveis aos outros, por se basearem em uma experiência tão individual que se tornaria inacessível. Somente quem sente determinada sensação saberia, com exclusividade, a que está se referindo ao se expressar — o que se costuma chamar de “acesso privilegiado”. A crítica que Wittgenstein faz a esse tipo de linguagem consiste na relação que a filosofia estabeleceu, ao longo de sua história, a uma noção de que há sensações que são privadas e, por isso, incomunicáveis.

Segundo o filósofo, o problema consiste no modo em que utilizamos nossa linguagem, neste caso principalmente a linguagem que trata dos nossos aspectos psicológicos. Wittgenstein declarou que a linguagem funciona como um jogo, com regras que determinam o uso das preposições, das expressões, das palavras. As regras são um conjunto de diretrizes que tornam o jogo possível de ser jogado, sendo que cada jogo possui regras específicas para o objetivo que se pretende alcançar. Assim, na linguagem, as regras são usadas do mesmo modo: a depender do jogo de linguagem que jogamos, é permitido, ou não, usar determinada palavra ou expressão.

Tendo estabelecido o funcionamento dos jogos de linguagem, partiremos agora para tentar compreender como os jogos de linguagem auxiliam no debate que estamos nos propondo aqui, ou seja, uma relação direta entre os jogos de linguagem, suas regras e a ideia de um ‘mundo interior’. Se quando usamos nossa linguagem para descrever,



por exemplo, uma paisagem, estamos fazendo uso de um determinado jogo, há também um jogo que nos ajuda a determinar como expressamos e/ou descrevemos nossos estados de espírito, sentimentos, sensações imediatas. Quando estamos falando em sentimentos, por exemplo, podemos afirmar que ficamos “quebrados” com a forma que o outro agiu, que nossos sentimentos foram feridos, que estamos explodindo de raiva ou mesmo expressões mais fortes como “vou matar fulano”, sem que se tenha intenção de matá-lo. Aprendemos a utilizar essas frases em nosso cotidiano, mas também vamos dando novos contornos às nossas expressões, como quando afirmamos que estamos nos ‘sentindo para baixo’ ou que somos muito ‘alto astral’. Essas expressões não são afirmações literais, mas analogias que os jogos de linguagem que tratam sobre as emoções nos permitem fazer. Por vezes, inclusive, afirmamos um sentimento de ‘estranheza’ com frases do tipo “não sei dizer o que sinto”, porém, Wittgenstein afirma que o sentido indeterminado da expressão não é sinônimo de sentido *nenhum*³, mas o filósofo chama a atenção para o fato de que caímos nesse engano, em afirmarmos que é sempre necessário que haja um sentido exato, por estarmos sempre em busca de um ideal que não existe: “A ideia é como um óculos assentados sobre o nariz e o que vemos, vemos através deles. Nem nos ocorre a ideia de tirá-los”⁴. É como se, ao afirmar “não sei dizer o que sinto”, se buscasse uma identidade única, uma essência para essa afirmação que correspondesse a um determinado sentimento e que esse sentimento correspondesse a algo que está ‘dentro’ da pessoa.

Importante frisar que Wittgenstein em momento algum nega a existência do ‘mundo interior’, o que o filósofo se opõe é a ideia de um ‘interior’ que seja parte de uma essência humana e que, nesse ‘interior’ exista uma alma que guarda sentimentos e sensações da mesma forma que guardamos objetos dentro de uma caixa.

Após abordar as questões de ‘mundo interior’ referente à filosofia de Wittgenstein, partiremos para uma análise sobre o Inconsciente, de Freud, analisando as questões referentes ao inconsciente enquanto uma possível expressão do ‘mundo interior’ e sua possível relação com uma forma de linguagem privada.

2. Metodologia

A pesquisa será feita a partir de análise bibliográfica, com foco em conceitos da filosofia da linguagem e da psicanálise de Freud. Para isso, a obra que guia o presente



trabalho será as *Investigações Filosóficas*, de Ludwig Wittgenstein, na qual o filósofo traz questionamentos sobre os possíveis uso da linguagem, partindo de uma crítica à linguagem enquanto algo essencialista e defendendo a ideia de que a linguagem funciona como jogos, ou seja, possui regras nas quais a linguagem ganha sentido a partir de seu uso, sendo, portanto, uma prática. Além disso, Wittgenstein discute também sobre a possibilidade de uma linguagem que apresente conceitos psicológicos, porém sem ser essencialista, sendo esse um dos pontos centrais da presente investigação. Além disso, outra obra de fundamental importância, que será trabalhada no último capítulo será *Observações da Filosofia da Psicologia*, que visa justamente contribuir no debate referente ao argumento da linguagem privada bem como o uso dos aspectos psicológicos.

Além disso, nos aspectos trabalhados sobre a psicanálise, as obras escolhidas para o trabalho são *A interpretação dos sonhos*, *Psicopatologia da vida cotidiana*, *O chiste e sua relação com o inconsciente* e *O inconsciente*. A escolha dessas obras se dá pelo fato de serem textos no qual o pai da psicanálise trata justamente do modo como o inconsciente se mostra: pelos sonhos, pelos atos falhos e pelas piadas e anedotas do nosso cotidiano, mostrando que o inconsciente, ao mesmo tempo que faz parte da psique individual, também compartilha e compactua com elementos da sociedade e cultura.

3. Resultados esperados e discussão

A análise da filosofia da linguagem de Wittgenstein e do inconsciente de Freud visa elaborar uma nova construção do modo como compreendemos a comunicação dos sentimentos e emoções, trazendo conceitos que ajudam a pensar sobre que é o ‘mundo interior’. Sem ter pretensão de definições precisas sobre o termo proposto, pretendemos trazer modos de pensar esses aspectos psicológicos da filosofia em relação à psicanálise, podendo trazer novos olhares para a prática e a clínica psicanalítica.

4. Considerações finais

A partir do que foi abordado até o momento, podemos afirmar que a presente pesquisa visa articular conceitos da filosofia da linguagem com a psicanálise, sendo um estudo de importância para as duas áreas do conhecimento. A filosofia possui um



interesse pela psicanálise justamente por sua forma descentralizada de compreender a psique humana, a sociedade e a cultura. Partindo da ideia de que há algo que acontece de um modo oculto, mas que, ao mesmo tempo, aparece o tempo todo por meio da linguagem, a pesquisa visa articular, a partir da refuta de Wittgenstein por uma linguagem privada, como esse ‘mundo interior’ se mostra. Assim, pretende-se trazer considerações que sejam relevantes tanto para

filosofia quanto a para a psicanálise, já que ambas contribuem para uma melhor compreensão do modo como mostramos e compreendemos nosso ‘mundo interior’.

Referências

DONAT, M. *Linguagem e significado nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein: uma análise do argumento da linguagem privada*. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, v. 4).

FREUD, S. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Tradução de Fernando Costa Mattos; Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Obras completas, v. 7).

FREUD, S. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (Obras completas, v. 5).

GARCÍA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: sobre a natureza humana*. Tradução de João Virgílio Gallenari Cuter. São Paulo: Editora Unesp, 2000. (Coleção grandes filósofos).

JOHNSTON, P. *Rethinking the inner*. London: Routledge, 1993.

MARQUES, A. *O interior: linguagem e mente em Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

WITTGENSTEIN, L. *Observações sobre a filosofia da psicologia*. v. 1 e 2. Tradução de Ricardo H. P. Machado. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

WITTGENSTEIN, L. *O livro azul*. Lisboa: Edições 70, 2018.